

O Livro
de Teresa

Carlos Renatto





O Livro de Teresa
Um livro sobre saudades e ontens

Ilustração: Danielle dos Anjos

Mojubá!

De tempos em tempos, quando a humanidade
da existência do amor se esquece,
se afogando em seu próprio orgulho,
Oxalá agracia o mundo com o milagre do nascimento
de uma pessoa sã, assim como Teresa.

Epa Bàbá! Queira mais isso aconteça.

Adúrá.

*Estou vestida com as minhas armas,
nada de mal, nada de errado,
nada de ruim vai me acontecer,
porque eu estou do lado do bem
com a luz e os ancestrais.*

*Estou vestida com as minhas armas,
nada de mal, nada de errado,
nada de ruim vai me acontecer,
porque eu estou do lado do bem
com a luz e os ancestrais.*

*Estou vestida com as minhas armas,
nada de mal, nada de errado,
nada de ruim vai me acontecer,
porque eu estou do lado do bem
com a luz e os ancestrais.*

Axé!

III.

Nasceu Teresa em dia comprido de sol quente amarelado. Depois veio chuva longa e severa. Ninguém se entristeceu.

A mãe de Teresa, uma preta filha de *Oxum*, lhe presenteou a audácia.

O pai de Teresa, um preto filho de *Iansã*, lhe presenteou a chuva. Foi seu primeiro banho de bênçãos.

Era quarta-feira. Os tambores tocaram, os terreiros cantaram.

Após chuva farta, sol brilhoso voltou e brotou uma flor. A felicidade foi a mesma de quando havia chuva, e de quando havia sol também, só que um pouco mais.

Teresa aprendeu a ser de sol, Teresa aprendeu a ser de chuva e ser de sol novamente, por isso Teresa é flor que alegra o dia e ninguém há de desdizer.

IV.



Mil atabaques tocaram ao despertar de Teresa para o mundo.

Houve festa à sua chegada. Festa bonita de gente alegre e cantadeira que se espalha aldeadas pela redondeza.

Houve som de folguedo e brincadeira nestes mocambos que foram, outrora, refúgio daqueles que de África foram arrancados e do jugo cativo fugiram.

Folia de colorir a Terra por dias e noites que fim pareciam nunca ter.

V.

Teresa nasceu junto à alegria.

Porém, no compasso de seus afetos, um repique lhe faltava.
Seu coração nasceu escrevendo pausas reticentes...
ausências...

Seu peito era nascente dum rio que, ao despertar,
logo correria e desaguaria, em seus olhos, rumo ao mar.

Ókun.

Ní omi òkun.

O mar, destino certo do que nasceu para ser rio.
Inadvertidamente ao nascer, tudo que é rio, segue solene em
direção do mar.

Curvas, ladeiras, corredeiras, abismos até o mar encontrar.

Ní omi òkun.

Todos fluem em sua direção.



VII.

Teresa nasceu destinada ao mar. Menina moleca
da cor preta.
Gente recém-criada com cheiro de terra molhada.
Planta que não perde o frescor do perfume
quando água da chuva bebe.

Em casa de Teresa havia muita vida cultivada.
Pitangas, borboletas, quiabos, uvaías, coentro,
alecrim e passarinhos, crisântemos, grilos, flores
amarelas, saudades e manjerição.
Em seu peito um grande amor a ser compartilhado,
flores do campo,
o cantar dum canarinho.

Coração de Teresa é terra bem irrigada que a tudo
faz nascer.

VIII.

Em dias de chuva, quando a Mãe do Entardecer de negro
cobre a tarde,
Teresa, como os cães, sai a passear.
As pessoas acham por demais estranho moça tão jovem
com mania torta de andar
sob a chuva.

As crianças querem imitar o gesto.
Os homens se encantam com o escorrer das águas em seu
corpo de moça crescida.
O que não sabem as pessoas é que Teresa também bebe da
chuva sua água.
Assim, crescem-lhe asas, e, ela pode ser um pouco pássaro
também.

Felicidade assim se manifesta.

IX.

Mas quando triste, Teresa, tossia. Tossia, tossia que tossia.
E como tossia.
Desabotoava da alegria a cor.
Dava dó.

E só destossia quando, no raiar do dia, o sol em seus olhos
aquecia lágrimas
doces de esperança nova.

X.

Ao longe, o trigal, ao suave toque do sol, aparenta cabelos esvoaçados de gentes de outras terras.

Todos podiam dele se deleitar.

Teresa, quando triste, tossia e fazia bolos, afurás e ambrozós. Olhava o trigal e tinha vontade de não mais estar triste.

Corria à plantação feito criança feliz com presente novo.

Colhia o trigo enquanto cantava.

Dançava com as folhas, o vento, e a felicidade já podia ser sentida no rodopio de seus pés.

Malú Ako.

Havia um boi também.
Toda a comunidade o temia.
Caminhavam com olhos às costas para não serem pegos
na distração.

O boi se fazia temido. Muito temido. Grandes orelhas,
chifres longos, olhos de mortal desejo.

Nem os homens o enfrentavam.
Era *ná malú ako*.
Francisca distraída caminhava, as compras nos braços.
Voltava do armazém. Um bolo faria ao em casa chegar.

O boi lhe atravessou os olhos o caminho.
Francisca parou o caminhar.
Os homens não a defenderam. As mulheres recolheram
as crianças e fecharam-lhe as portas.
Damião, o filho do pescador, bem quis ajudar.
Mas pequenino, pobre *erê*, o boi lhe faria mal.

As compras de Francisca aos seus pés se esparramaram.





Inuyiyó.

Isaías planta café, no entanto, não o colhe.

Todas as manhãs, assim que se levantam os pássaros, como quem cuida do grande amor, Isaías cuida do cafezal.

Rega com carinho cada pé de planta.

Arranca as ervas, as pragas. Aduba-os.

Todas as tardes, Isaías, cachimbo na mão, põe-se a admirar o cafezal como se admira a quem se ama.

Apraza-lhe o balançar provocado pelo vento.

O cheiro distribuído pelas flores.

Os frutos quando brotam à espera da colheita.

As folhas, quando se despregam silenciosas...

No entanto, Isaías não colhe o café.

XIII.

Todas as noites, Isaías ao cemitério vai e, sobre o jazigo de Adelina,

se deita adormece,
como quando adormecia ao lado da esposa, quando ela
ainda lhe sorria

e em todas as manhãs,

ao despertar,
colhia o fruto, secava-o ao sol, pilava-o amorosamente
e esperava o abrir dos olhos do marido com o sabor alegre
do café recém-coado.



Ìlá Nlá Quitéria.

A cozinha da Vó era recheada de corações.

Daqui ela não era, viera de lá do outro lado do mar. De um lugar em África. E uma língua falava que era dos de lá e, para se fazer entender, falava direto ao coração.

Ela tinha nos olhos memórias tristes da travessia da Calunga Grande.

Vó Quitéria era pobre muito pobre de morar em cafua. Estava sempre a cozer lembranças no fogão à lenha. Cozinhava com pitadas de saudades adormecidas à lua. O gosto era de abraços de regresso e calor de mãos dadas.

De corações saudosos, assim como o meu, estava sempre recheada a cozinha de *ìla nlá*.



As compras de Francisca aos seus pés se esparramaram.

O boi veemente a encarava com olhos de sedutor.

Das frestas das janelas, encasuladas em tripas de porco,
observavam as mulheres.

As crianças embaixo das saias.

Os homens na venda – a cachaça – olhos tensos.

Teresa no início da rua apontou e ao boi se dirigiu.

Fixou seus olhos no do animal. O dominou.

Se aproximou, se aproximou tanto que era possível tocar-
lhe a estrela da testa. Tocou-lhe.

O animal se ajoelhou. Teresa segurou-o pelos chifres e o
conduziu para além da comunidade.

Ná malú ako obedeceu.

Teresa recolheu as compras de Francisca.

O boi nunca mais foi visto.

XVI.

Toda vez que no coração fértil de Teresa brota uma semente de medo, ela arranca-a, como se faz com o joio, estirando-o sobre o fogão à lenha a deixá-lo secar como se faz ao toucinho e ao chouriço.

O medo se assemelha à tripa de porco.



XVII.

Francisca usava calças de homens.
As mulheres não aprovavam. Os homens tampouco.
Se importar? Francisca não importava. Era reservada,
delicada e não dava ouvidos às antipatias. Usava calças de
homem, flor no cabelo e era filha de *Ossain*.

Teresa lhe gostava assim. A Vó importância não dava a esse
assunto.

Damião achava divertido.

– Esse menino, quando não mais o for, é melhor não
despregar os olhos.

XVIII.

Vó Quitéria conta contos de sua aldeia natal enquanto rala a mandioca, o coco, prepara a lenha, excita o fogo.

Não precisa ter ouvidos para ouvi-la, basta ter coração de criança. *Ilá nlá* conta através das lembranças que lhe escapam pela boca enquanto ocupada.

E os corações se amontoam, devagarzinho, sobre a terra do chão da cozinha, nas janelas, pelas frestas, alguns à beira do fogão, outros até mais tarde.

XIX.

O silenciar das folhas das árvores. O descantar das cigarras, dos grilos, sapos. O desassoprar do vento. O inverso da inquietude que a tempestade precede. Estes sinais, Teresa bem conhece.

É filha de *lansã*. Seu coração não a engana.

É tempestade brava que vem vindo.

Teresa acende vela pra *Oyá*. Põe vestido alegre. Descalça as sandálias e sai a passear.

– *Eparrei Oyá!* Sua benção e sua proteção, minha mãe.



XX.

Como eram bonitas aquelas duas.

Francisca e Teresa.

Amigas se tornaram desde que o boi partira.
Presenteavam-se com flores, sorrisos e bolos. Cada qual
mais saboroso.

Mandioca, milho, inhame.

Diziam até que as duas se amavam.
Verdade era das mais certas, elas se amavam sem que as
pessoas compreendessem a dimensão.
Este amor foi o primeiro que fez correr o rio que nasceu
em coração de Teresa.

Mesmo assim, Francisca ensinou Teresa o que é saudade
quando rasgou a manhã, como uma flor que fecha suas
pétalas para o sol, ao partir.

Nã Láná.

De ontens é formada a alma de Teresa. Por isso Teresa
saudade é. Saudade boa. Saudade quentinha, cultivada.

Aprender não pôde a esquecer os ontens da alma.

XXII.

Teresa não nascera para solidão.

Não! Não! Solidão é coisa por demais tihosa para ocupar
a vida de mulher nascida
ao toque do tambor.

Ao vagar o buraco em seu coração,
o rio que brotou do fundo em seu peito pôs-se a correr,
Teresa aprendeu imediatamente a preenchê-lo de amor
novo.



XXIII.

Coração de Teresa tinha adubo para
amores muitos e qualquer semente que
em seu sulco caísse imediatamente brotava
uma árvore e logo frutificava.

Árvore que se enraíza, torna-se difícil de
arrancar, mesmo quando seus frutos já não
mais floresçam.

Ainda assim, Teresa não deixava de cultivá-la
e nem de arrancar as ervas mais danadas.

De amar esse era seu jeito.



XXIV.

Certa vez Teresa encantou-se por um filho de *Logun Edé*.
Belo rapaz de óculos e livro debaixo do braço.

A verdade é que ela se encantara pelo livro, não por sua beleza.

Aproximou-se bem perto do rapaz, para ter como o livro
pegar. Ao se aproximar, se encantou por seus cabelos.
Quis tocá-los. Cabelos grandes encaracolados de rapaz
inteligente, indiferente.

Ao tocá-los encantara-se pelo afago dos fios negros em
sua pele. Ao tocá-lo quis entrar em seu coração. O rapaz
assustou-se e se escondeu no livro.

O encanto de Teresa logo dissipou-se como brisa em
manhãs de sol.

Bèru.

Ela me disse ter medo de perder a felicidade.
Quis saber se também a assustava o contrário.

– Como assim? Disse Teresa.
– Assim, quando te acontece estar em desacordo
com a alegria, tens medo de não estar?

Ela riu, de mim e de si.

– Quando a tristeza me habita o ser, tenho só
vontade de não estar.
– E quando feliz estás, sentes medo da tristeza?

Rimos os dois.

– Pois eu acho que deverias ter medo da felicidade e
vontade da tristeza.

Teresa pareceu não pensar muito.

– Quer mesmo saber? Vou é ser feliz feito o vento.

E foi às brasas botar o medo a secar sobre.

XXVI.

Sinval apareceu com arco e flecha na mão. Viola nas costas. Um pouco de preguiça manhosa e sorriso que abraçava a humanidade.

Cheiro perfumado de homem bom lhe acompanhava.

Trouxe bebida, dançou com Teresa. Fez-lhe gracejos e agrados.

Beijou-lhe o rosto, as mãos, os lábios.

Teresa, desarmada com tamanha maestria, lhe deu seu coração, nessa mesma noite, desse jeito mesmo.

XXVII.

Teresa é água de cachoeira
quando farta de alegria se multiplica em mil felicidades
se compartilha pelo vento
e nada é capaz de contê-la.



XXVIII.

No entanto, felicidade que é vento, se vem em
descompasso provoca o desassossego, se alastra feito fogo,
alarma toda gente, tomba árvore forte, desperta a invidia,
traz tempestade braba de fim de tarde.

Felicidade que se faz ventania, leva para o longe segredos
que trazemos perto do coração.

Assustado, Sinval, arco e flecha na mão, para a mata não se
demorou em voltar.



Ìbanújé.

Teresa descolore a alegria de seus tons.

Aprendera que felicidade se emana, não se grita.

Ela tira pequenos feixes azuis, lilases, olivas e
rosáceos, jades, índigos,
ocres e dourados,
cores estelares e de sol nascer.

Desvela todos os matizes tecendo tenaz, com
retalhos
de mil descores,
manta que cobrirá branca tristeza que está por
vir junto à tosse que não demora.

Teresa vai descolorindo.

Descolorindo.

E a alegria se faz pálida.

XXX.

– Criou-se um vazio entre o seu coração e o meu afeto. Uma distância que o afasta de mim. Para que essa distância diminua precisamos caminhar em direção um do outro. Os olhares a se aproximar. O encontro dos sorrisos. O calor em nossas almas. Sofregamente até que se toquem as mãos.

De Teresa a Sinval, foram estas as últimas palavras antes que ele sumisse mata adentro.

XXXI.

– Teresa, acalme seu coração. Deixe-o descansar um pouco. Dê-lhe doçura e sossego.

– Eu não posso. Ele clama por ser preenchido.
Ocupado.

– Seu coração é campo minado.

– Um coração vazio de afetos é terra de estrangeiros. Qualquer um pode vir habitar sem que demos permissão.

Teresa, em seu vestido de pura flor e beleza, saiu a ver se do céu caíam estrelas.

E eu, descontente, fiquei a observá-la, sabendo que ela saíra para tossir sem que a vissem.

XXXII.

Teresa de tanto tossir acordou.

XXXIII.

Foi ter com Vó Quitéria.



XXXIV.

– Despegue-se, Teresa. Uns aos outros os filhos de *Oxalá* não se pertencem. São livres. Ocê é livre, menina. Brevemente, outro barco surgirá. Basta ter olhos no horizonte. Olhos de farol. Atenta-te. Ainda que um vendaval a poeira do deserto que se formou em sua alma levante. Mesmo que arrebentem em seu peito as ondas das águas de *Yemanjá*. A cabeça erga. Firme o olhar no longe da paisagem. Um barco há de surgir, Teresa. Seu peito precisa estar livre.

Oloró.

E pintou de vermelho o coração.

Quando o havia retirado para lavar, viu-o completamente roxo e murcho de saudade. Não sabia que um coração, tão pequeno, haveria de ficar murchado e arroxado de tanta saudade assim. Teresa, então, pintou-o de vermelho cor de carne, a mesma cor que pintara os lábios.

Soprara-o delicadamente para que desfizesse a murchidão e o colocou para secar à janela. Desatenta, esquecera-se que à janela só se coloca prendas que podem ser levadas.

Passou um moço, um desconhecido desses que sutilmente passam. Martin era seu nome – viu o coração vermelho de Teresa e o levou consigo.

Teresa logo percebeu a falta, por isso passa os dias à janela a sentir ainda mais saudade.

Saudade de quem nunca aconteceu.

XXXVI.

Antônio viera de longe. Caminhara léguas, léguas e léguas.
Distâncias sem fim de serem contadas.

Tivera sede.

Parou à janela de Teresa e pediu o que beber. Foi atendido.
Teresa, mesmo sem coração, se encantou com os olhos do
forasteiro. Olhos cor jabuticaba e também pelos cabelos
cor de inverno.

Teresa deu-lhe água, abrigo, afeto e, na manhã seguinte, lhe
pediu que fosse embora.



XXXVII.

Teresa estava a cultivar novas saudades.

XXXVIII.

Saudade se lava com o vento que assopra do mar,
aprendi com Teresa.
Senta-se nas rochas, à beira do despenhadeiro.
Para-se o olhar diante do universo e contempla-se.
Volta-se para dentro do próprio peito e completa-se.

O vento, determinado de sal, passa por dentre a gente
desabotoando a saudade, soltando-a devagarzinho,
desbotando-a, tornando-a cinza, depois pálida,
depois a saudade já não é.

XXXIX.

O amor é devagarzinho.
De mansinho num repente ele acontece.
Vem sorrateiro no horizonte,
não botamos reparo e de repente é todo a gente.

Paixão é açude rompido.

XL.

Sem ser convidado Martin voltou, trouxe uma flor de algodão, pôs em cabelo de Teresa, devolveu seu coração e partiu novamente.

E, então, sem que se esperasse, outra vez voltou.
Trouxe uma flor de jenipapo.
E uma flor de maracujá.
Era esse o seu jeito. E não sabia de muita conversa.

Teresa se encantou pelo gesto e pela ausência.

Encantada correu o sertão atrás de Martin e levou-lhe um bolo. Os dois comeram. Bolo gostoso de amor maduro. No coração de Teresa brotou uma semente, Martin regou-a com cautela. Os dois sorriram juntos por muitas estações e outras mais.

XLI.

Do mesmo jeito que veio, Martin se foi.

Nos cabelos de Teresa brotou um ramo branco de flor-de-São-José. Teresa não se assustou tanto, estava habituada a cultivar saudades novas, mas calou-se.

Permaneceu calada de suas palavras, como que para sempre,
por dias.

Uma caladez parada. Azul distante de olhar no firmamento.

E calada ficou por muitas fases da lua.

Muitas chuvas.

Festas.

Reticências em dias pálidos de sol.

XLII.

Teresa está calada...

XLIII.

Em um silêncio de estar calada...

Ipó-okú.

...

O silêncio e a solidão são duas irmãs que nos tomam pelas mãos.

Uma à direita, outra à esquerda, docemente a nos conduzir.

Teresa se deixa levar alheia de seus próprios passos.

Mas a força que pulsa dentro de seu peito não a deixará chegar assim tão longe.

Teresa é tempestade que, quando desperta, tira quase tudo do lugar.

XLVI.

Por isso, Teresa acordou de vontade de estar feliz.
Destossiu.

Felicidade se faz com paciência e café coado.

Levantou-se e nas águas de *Oxum* se banhou para lavar a
sujidade que a tristeza havia lhe deixado.

Pegou água da corredeira e levou consigo na moringa.
Depois do rio, colheu café no quintal de Isaías.

O fruto do vizinho já estava no ponto da colheita.

Deitou-o ao sol e se fez espera ao seu lado até que este
pronto estivesse
para tornar-se pó.

Teresa pilou o café. Socou socou socou até que lhe escorreu
do suor uma gota.

Coou-o.

Teresa gosta de café da água do rio, assim pode ser um
pouco peixe também.

O café pronto de aroma que se insinuava pela comunidade
com cheiro de felicidade.

Pegou um tanto e levou ao Isaías, que andava a precisar de
café fresquinho.

Teresa voltou a sorrir. Isaías sorriu também.

XLVII.

Tu não tens que lutar pela vida, criatura. Tens que enfrentá-la. Ela é matreira, está pronta sempre a te passar a perna. Passar-te para o outro lado.

A morte é certa. De cedo já sabemos que ela vem. Não é como a vida, ela fica lá quietinha, pois nosso rio deságua em seu mar.

A vida briga para te tirar do jogo a cada curva de estrada. Ela é esperta. Sua adversária mais fiel. Vai pondo entraves nos caminhos que *Ogum* abriu para que percorresses e torce para que tu sucumbas.

É a vida que deves enfrentar. Ela quer te tirar do jogo. A morte não; dela somos todos e não há outro parecer.



XLVIII.

Teresa pegou os sonhos que dividira com Martin e os levou à estação.

Lá com Helena se encontrou com seus sonhos desfeitos também nas mãos

Se cumprimentaram alegres.

Teresa e Helena colocaram os sonhos no trem.

Cada uma a seu jeito.

Cada uma a seu tempo.

O trem partiu, as duas, então, puseram-se a acenar até que os vagões não pudessem mais ser vistos no horizonte, nem se ouvisse no firmamento, o seu apito.

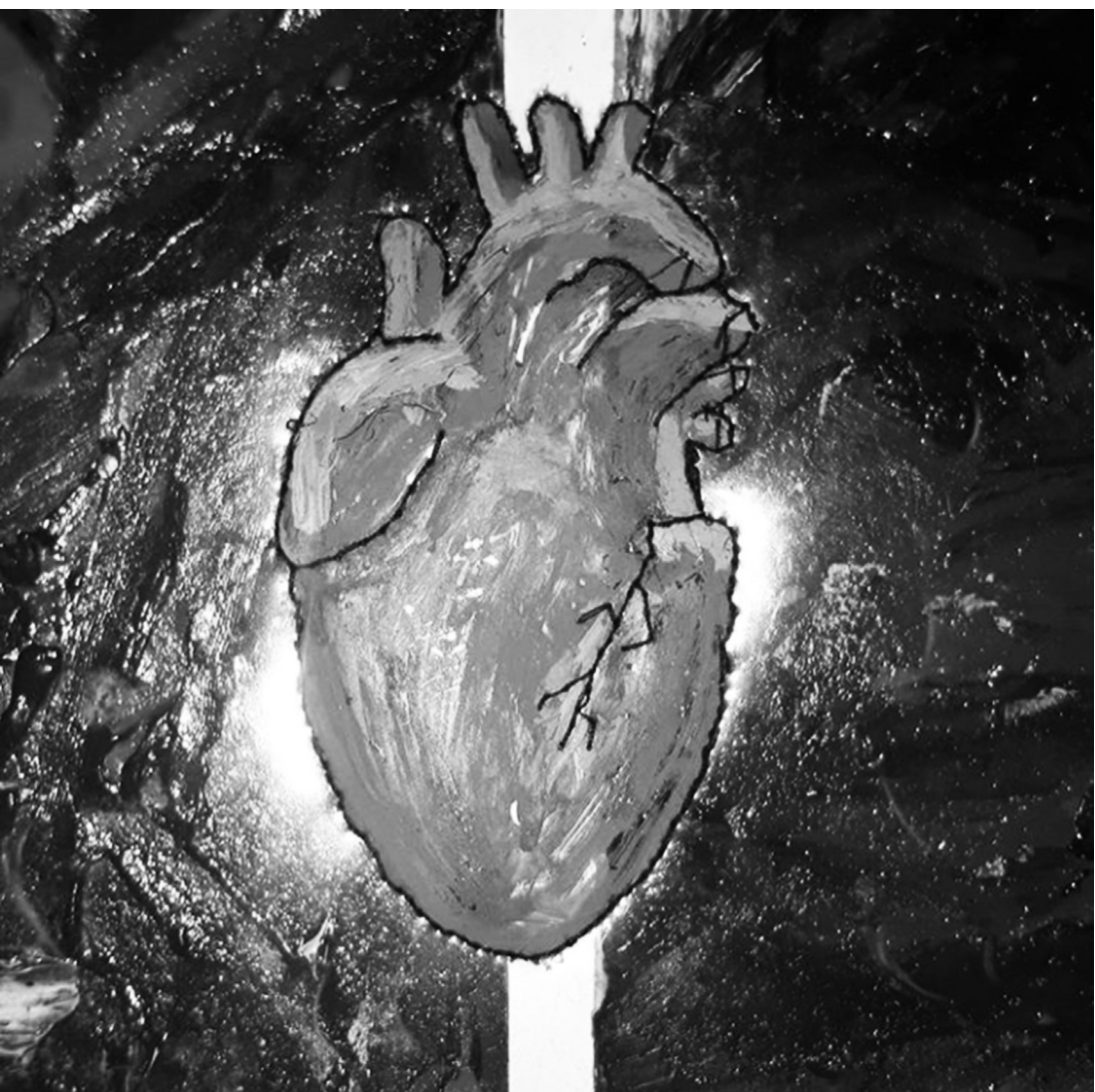
Desacenaram.

Teresa convidou Helena para comer bolo em sua casa.

Elas trocaram assunto, conselhos e carinhos pelos dias que se passaram amenos.

As duas nasceram da mesma vontade.

O rio do coração de Teresa cresceu ainda mais caudaloso.



XLIX.

Para não haver mais erro, Teresa, pegou seu coração, ainda vermelho de tinta de recomeço, e fez arte com ele. Pincelou pequenas pétalas de margaridas e outras flores coloridas: lírios, violetas, amores-perfeitos. Remendou alguns retalhos, chitas, fuxicos, botões e novamente o pôs para secar à janela sob a luz do sol.

Dessa vez não desarredou os olhos. Fez vigília e oração. Estava bonito e engraçado o coração todo remendado, colorido e ornamentado.

Era de alegrar os olhos vê-lo brilhar em meio à tarde.

Damião, o filho do pescador, passou despercebido, mas seus olhos, que deixaram há pouco de ser olhos de menino, pôs vista alegre naquele coração de puro ornamento, tão cheio de cor e borboletas.

De encantamento, seus olhinhos brilharam e quiseram o coração de Teresa para sempre.

L.

Teresa relutou por um momento.

– Menino, saia! Saia já! Em meu coração não quero que ponhas as mãos.

– Eu não sou mais menino, não. Sou já um quase homem.

E o menino, já não tão menino, foi embora enraivecido.

LI.

– Um quase homem, ora essa.

Teresa riu-se de tamanha bobagem e já não mais era o que costumava ser. Pensou em Damião pelos dias de chuva que seguiram.

Resolveu: a Damião vou emprestar meu coração. De brincadeira em brincadeira ele pode devolvê-lo novo.

E assim Teresa o faria quando voltasse o sol.

LII.

Em dias nublados, sem chuva, sem sol, sem nada, Teresa se senta na soleira, à porta da rua, e colore a saudade tecendo-a em uma peça de lã branquinha.

LIII.

Damião, muito determinado, cultiva uvas rosas e constrói um pequeno barco onde caberá apenas seu corpo e os sonhos que traz consigo desde menino.

Dagbére.

Maracas, atabaques e xequerês soaram tristes antes de ser meio-dia.

Sobre o calçamento pesados eram os passos. Pesados arrastados. Chumbo de tempestade cinza de raios e trovões.

Teresa correu à janela. Deparou-se com o cortejo. Isaías entardeceu foi à feira. Havia deixado de ser. *Ikú*.

– Até breve, meu amigo! Acenou Teresa para a morte que passava rente à sua janela.

Teresa correu até o quarto. Botou vestido bonito, pôs pulseira colorida, passou batom vermelho e sandália nova.

Da vida foi buscar seus motivos.

LV.

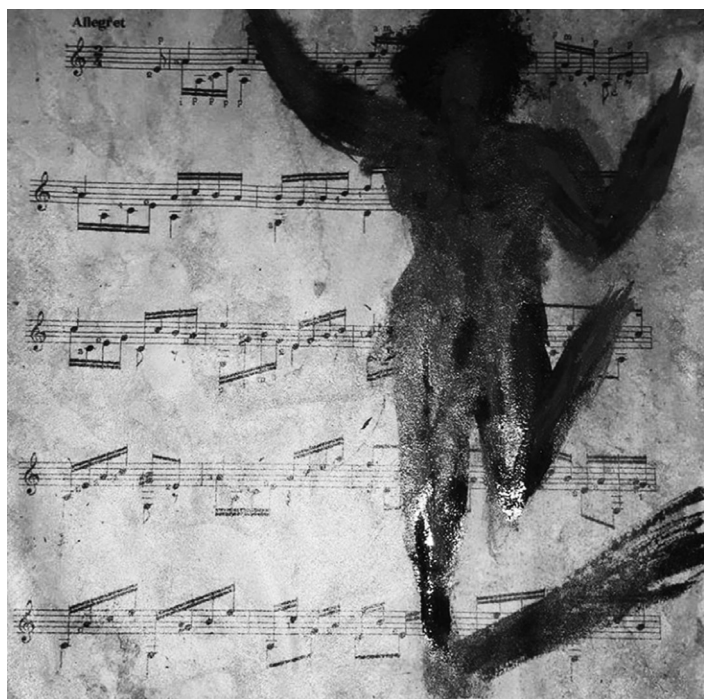
– *Saravá*, meu povo. Dá licença que eu cheguei, tô chegada.

Teresa quando dançava ao toque do tambor, luzidia.
Na gira, despia-se das sandálias e dos pudores, levantava a
saia do vestido água marinha. Requebrava o quadril,
a alma redemoinhava, desanuviava.

Botava a noite para dormir.

Despertava o sol.

Veranizava.



LVI.

– Teresa! – Disse-lhe manhoso quando o hálito quente da tarde se juntou ao nosso calor. – Essas coisas de amar não são tão difíceis assim como sarapintam.

– Claro que são, Renato! – Disse Teresa muito severa. – Qualquer coisa no amar é difícil e custosa, complicado por demasiado. Se esse sentimento de outra maneira fosse, seria só um gostar. E gostar é só gostar. Amar é pedaço da alma. O gostar pode dê-ser.

Teresa não me deixa ter razão.

LVII.

No dia seguinte, Teresa teve vontade de Damião. Pensou em lhe enviar um sorriso, então. Sorriso bonito, desses de dente escovado, de batom passado e assim o enviou.

Damião gostou do sorriso e quis tê-lo outra vez.

Foi ter com Teresa.

LVIII.

Damião, ofegante, em casa de Teresa chegou.

Nos braços, um balaio de uvas rosas recém-colhidas que lhe entregou em mãos.

Teresa sorriu atenuada e o convidou a entrar.

Os dois entraram juntos.

No peito de Teresa os tambores se harmonizavam sem que ela se acautelasse.

LIX.

E assim Teresa se entregou a este homem que há bem pouco deixara de ser menino.
Ela se entregou, e o rio em seu peito passou a correr mais depressa.
Um pouco mais depressa.

Preenchido havia sido o buraco em seu peito em sua plenitude.

Teresa estava completa. Certa.

Os tambores batiam harmoniosos e ela rodopiava os pés, revolteava, gingava a cintura com a desenvoltura de um cacho de acácias ao bailar com o vento.

Teresa se multiplicou em mil felicidades e se distribuiu mais essa vez.

A vida era um enorme sorriso que desfeito não poderia ser.

De sol eram os dias e se acaso a chuva, era apenas para fazer florescer cada flor que Teresa havia plantado em cada coração.

O sertão sorria amarelo com flores ipês nos cabelos.

Iráwó.

Teresa e Damião costuravam seus sonhos em pequenas estrelas com linha forte, difícil de arrebentar.

Constelação por constelação era ramagem que desfeita jamais poderia ser.

Porém, aos olhos de ambos, riscou o céu, em sua candência incandescente e lenta, uma estrela que escapuliu das mãos do rapaz quando este se distraiu.

LXI.

Estrela quando cai é sorriso aberto do céu para a Terra,
pensou Teresa,
duvidosa do que pensara.

- As pessoas acreditam ser lágrimas.
- Que bobagem!

De chorar o céu não escorre lágrimas. Sorri apenas.
Os homens jamais percebem sorriso celeste.

LXII.

Depois de tanto remendo, pinturas e retalhos o coração de Teresa se partiu em muitos.

Novamente colado ser não haveria possibilidade de

O pequeno homem, que dormia ao seu lado, acordou decidido a velejar como o sol ao se levantar no Leste. Deixou-lhe um bilhete apenas e alguns cachos maduros de uvas rosas.

Ficaram em casa de Teresa seu cheiro e um perfume de ausência.

Teresa teve vontade de não estar.

Vontade de não mais ser.

Não quis café, não quis bolo, não quis sentar-se à beira do fogão de Vó Quitéria. Também não tossiu. Não destossiu.

As uvas, comeu. Todas. Como fizera da primeira vez.

LXIII.

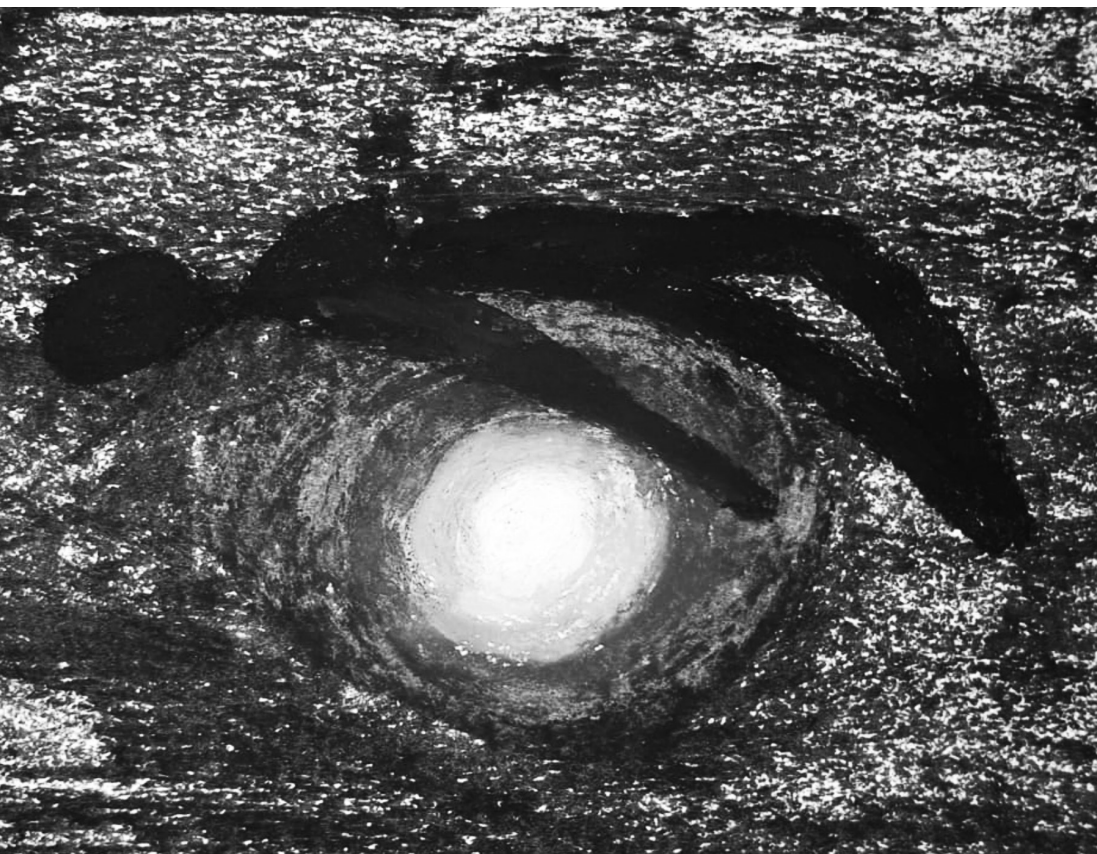
Coração de Teresa se partiu de um jeito jamais visto por
nenhuma gente.

Rocha desfeita.

Uma desfeiteza de se colar não poder.

De jeito que se retirado fosse do peito se esfarinharia
e o vento o dispersaria.

Teresa triste estava e triste permaneceu por mais um dia.



Àyanmo.

Teresa,

*Vou seguir o mar o vento o destino em um pequeno barco
que eu mesmo construí.*

Comigo levarei parte do seu coração.

Fique com o meu parreiral. Cuide-o.

Parto, no entanto, eu vou te amar para sempre.

Damião

LXV.

Teresa coloriu a casa com flores, incensos e desejos de regresso.

Damião não voltou.

Teresa acendeu vela, fez mandinga e oração.

Damião não voltou.

Teresa correu ao parreiral, regou-o com água, afeto e saudades.

Damião não voltou.

LXVI.

– Não te acontece, às vezes, ser só saudade?

Perguntou-me Teresa em um modo bastante pueril de devaneio, ao por mim passar despenteada, descalçada e ausente.

– Ah! Teresa, acontece-me, tantas vezes, ser apenas só.

ljìyà.

Teresa não acordou porque não dormiu.
Deitada estava e de olhos abertos permaneceu.
Levantou-se já tarde do dia e ao rio não foi, ao trigal não
foi, não foi.

Caminhou.

Nem calçou chinelas, nem trocou vestido de dormir por
vestido de passear.
Teresa apenas foi.

Seguiu linha reta pela mata guiada pela Mãe do Entardecer.

Ogum lhe abriu caminho.
Oxum lhe criou pontes.
Exu lhe serviu de guia.

Teresa se foi caminhando na agilidade de *Oxóssi*, o senhor
do silêncio. Quis voar não, para que o caminho não
esquecesse.

Para trás deixou as asas as vontades.
Foi descalça para que os sentimentos não caíssem na
desmemória.

Seguiu arrancada.

Kawó Kabiesilé.

Todo o quilombo se estremeceu ao ouvir de longe o trovão de *Xangô* cair sobre a Terra.

– *Kawó Kabiesilé!* Repetiam aos montes.

Era dia cinza, sol frio, triste. *Iansã* cobriu de negro o céu, mas não era a felicidade que voltava.

Toda a gente seguiu a observar caminho percorrido por Teresa. Era o início de uma história a não ser esquecida.

Todos caminhavam solenes, habitados pela curiosidade, receosos.

Os tambores não tocaram.
As festas silenciaram.

Olhavam o horizonte e distinguiam Teresa pela luz que a acompanhava. Raio que cortava a chuva.

Teresa era um incêndio atravessando a mata.

Choveu forte nesse dia. Ninguém para casa quis voltar.

LXIX.

Como um rio, Teresa seguiu rumo ao mar. Seguiu por dias.
Em direção à sua foz. Em linha reta.
Determinada.

Ao lá chegar deixou que toda a água preenchesse o buraco
em seu coração e postou-se à berma contemplando as
ondas.

Ali permaneceu por horas que juntas formavam dias que
juntos formavam semanas que juntas não se contavam
mais.

Não mais deslargava do mar os olhos.

A maré lhe inundava.

Sal e areia subiam por seus pés, pernas, pela pele pregados
pela brisa.

Corais lhe vinham fazer casas.

Na barra do vestido, o mar lhe tecia um ornato com contas
de conchas. Na cabeça, de sal, uma tiara. Como brincos,
um par de estrelas, e no pescoço, um colar de pérolas.

LXX.

Olhos marejados. Olhos de Mar.

Água antes empoçada que se tornou vazante de um rio que
desaguava em sua face.

O rio, que nascera em seu coração, encontrou seu destino
ao se derramar no mar.



Adúrá.

*Senhora dos raios, Iansã
Mãe dos ventos e tempestades
Dê-me seu Norte, Orixá dona de todas as direções
Que os trovões não me abalem
Que os ventos não me tombem
Que as tormentas não me alcancem
Cuida-me com o alento dos seus ventos serenos
Empresta-me tua coragem, Rainha guerreira
Caminha comigo*

LXXII.

Sobre a falésia. Essa filha de Oyá.
Assoalhada.

Corpo atravessado pelo sal, pela
brisa, pelo mar.

Vento que deixou de assoprar.

Nos olhos de Teresa, há
corredeiras sem fim que, de
dentro do coração, nascem
rumando ao mar onde navega
o pequeno barco que levou
consigo parte de seu coração.





LXXIII.

Odoyá, minha mãe! Que Teresa seja assistida por Calungas, Sereias e Caboclas do Mar.

Pois, Teresa é história lendária que nasce no imaginário para dentro do sempre morar.

Quebrantada sobre a rocha para nunca ser esquecida.

Teresa é saudade que toma a forma de mulher.

Akokò.

O tempo se assemelha à saudade.

É a estação que desfolha as árvores.

O tempo é o vento que passa e vira as páginas deste livro.

É a estação que descolore as flores.

O tempo são manhãs que se refletem orvalhadas.

No horizonte, ao longe, veleja ao vento fresco da tardinha um pequeno saveiro guiado pelos olhos marejados de Teresa.

É história que recomeça. Semente nova que germina. Uma enorme cachoeira se formou na face triste de Teresa, e esta lhe tem como farol.

Navegante se aproxima com intenção de atracamento.

– Venha, seja você quem for, marinheiro ou marinheira, venha de coração aberto, sê bem-vinde! Tenha um bom chegamento. Venha colorir pálida tristeza que mareia olhos de Teresa. Venha desfazer-lhe as saudades, efluir os ontens de sua alma. Venha que os batuques em coração de Teresa não tardam em ressonar. É alegria que se renova, sob as bençãos de *Oxumaré*. Venha que Teresa, essa filha de *Iansã*, te espera.

LXXVI.

– Oyá, minha mãe! Vigia para que Teresa cumpra sua sina.

Olorun Modupé.

Oxalá, meu pai, cuide que a felicidade não desate.



Danielle dos Anjos

Filha de Iansã, DANIELLE é atriz, performer, artista visual, produtora cultural e mestre em artes cênicas pelo PPGAC-UFOP. É vento que se movimenta pelo mundo. Utiliza suportes diversos para expressar seus anseios e percepções sobre o feminino corpo da negrura, tendo seu próprio corpo como ponto de partida. Leve como uma borboleta ou feroz como um búfalo, desenvolve pesquisa em feminismo negro, interseccionalidade, performance, mulatarização e novas fabulações sobre o corpo negro. Como uma boa filha de Iansã, nada nela é medíocre, regular, discreto; suas zangas são terríveis, seus arrependimentos dramáticos e seus triunfos decisivos em qualquer tema. Não quer saber de mais nada, mas tudo nela é paixão.

RENATTO é um profissional das artes cênicas e da literatura, com formação pela UFOP, PUC-Minas e FLACSO-Brasil. Assim como seu pai, Logun Edé, consegue se adaptar com facilidade aos mais diversos ambientes. Nas artes cênicas, desempenha múltiplos papéis como dramaturgo, diretor, produtor cultural, ator e pesquisador. Atualmente, é membro da Cia. 2x2 – Cultura e Cidadania em Ouro Preto/MG, além de contribuir para outros grupos artísticos. Como autor de teatro, já escreveu e encenou mais de uma dezena de espetáculos. Gosta de se aprofundar nos universos ao seu redor, fluido como um rio e objetivo como um caçador. Na sua carreira literária, Renatto publicou três livros de contos e um livro infantil, além de colaborar com sites e jornais literários. Ele tem prazer pela vida e pelas pessoas, sendo um sonhador e criador de mundos.

Carlos Renatto



FICHA TÉCNICA:

Todos os direitos reservados. A reprodução desta obra, total ou parcial, é proibida sem permissão escrita do autor.

Contato: gattilho.teatro@gmail.com

Coordenação Editorial: Carlos Renatto

Ilustração: Danielle dos Anjos

Revisão Ortográfica: Gisleine Motone

Capa, projeto gráfico e diagramação: Arlindo Diorio

Fotos Divulgação: Wander Faria Menezes

Mídias: Pablo Vieira

Produção Executiva: Carlos Renatto

Assistentes de Produção: Danielle dos Anjos e Pablo Vieira

Realização: Gattilho, Teatro et al

Incentivo: Lei Municipal de Incentivo à Cultura e Itabirito – Edital 2023 –
Fundo Municipal Especial de Promoção das Atividades Culturais (FEPAC)
Impressão e Acabamento: Formato Artes Gráficas Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Renatto, Carlos

O livro de Teresa : um livro sobre saudades e
ontens / Carlos Renatto ; ilustração Danielle dos
Anjos. -- Itabirito, MG : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-10813-1

1. Romance brasileiro I. Anjos, Danielle dos.
II. Título.

24-219279

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415